

Design para o resgate de saberes ancestrais no contexto da colonização agrícola de Rondônia

Design for the rescue of ancestral knowledge in the context of agricultural colonization on the Rondônia

Anália Oliveira Cordeiro, mestranda, Universidade de Brasília.

analia.oc@gmail.com

Ana Claudia Maynardes, doutora, Universidade de Brasília.

anacmay@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de descortinar o grau de influência que a colonização agrícola tem no apagamento da diversidade cultural em Rondônia, e como isso afeta o desenvolvimento de projetos de desenvolvimento local. Tem o intuito apresentar a necessidade do uso de saberes das comunidades tradicionais para a promoção da sociobiodiversidade. A metodologia consiste em uma pesquisa de natureza bibliográfica, qualitativa e descritiva, e se desenvolve no sentido de levantar e o pressuposto de que a valorização da cultura tradicional amazônica nos processos de design de novos modelos de desenvolvimento podem ajudar na difusão de iniciativas sustentáveis.

Palavras-chave: Diversidade cultural; Rondônia; Design; Colonização agrícola; Sociobiodiversidade.

Abstract

This article aims to reveal the degree of influence that agricultural colonization has on the erasure of cultural diversity in Rondônia, and how this affects the development of local development projects. It aims to present the need to use knowledge from traditional communities to promote sociobiodiversity. The methodology consists of a bibliographical, qualitative and descriptive research, and is developed in order to raise the assumption that the appreciation of traditional Amazonian culture in the design processes of new development models can help in the dissemination of sustainable initiatives.

Keywords: Cultural diversity; Rondônia; Design; Agricultural colonization; sociobiodiversity.

1. Introdução

Pensar o desenvolvimento sustentável juntamente com a diversidade cultural em Rondônia, requer um retorno ao passado, dado o histórico do processo de colonização pelo qual passou a região. Quando Thiéblot (1977) divide os grandes grupos de imigrantes da região em: os de cultura amazonense, que já tem bases nordestinas; e a cultura do migrante do Sul, o autor revela essa dicotomia cultural dos migrantes. E é nesse choque cultural que se encontra a percepção de que uma hierarquia se instalou, pois um desses grupos de indivíduos perdeu mais do que o outro, no que se refere à manutenção dos próprios costumes como base da construção identitária local. O resultado foi uma grande perda de elementos materiais e imateriais que poderiam expressar as subjetividades da comunidade local.

Assim, partindo das ideias de sustentabilidade de Nascimento (2012), de que o desenvolvimento sustentável não tem o foco só nas necessidades do presente, mas em satisfazer as necessidades próprias do hoje, sem comprometer as gerações futuras; faz-se necessário compreender os aspectos do desenvolvimento sustentável que auxiliarão no trabalho de resgate da cultura amazonense presente da região de Porto Velho (RO), que se encontra em crescente risco de apagamento diante do avanço da cultura do agronegócio trazida junto da colonização sulista, que é a principal economia no Estado.

A subjugação dos povos tradicionais da região e seus costumes podem ter sido o principal motivo do apagamento da existência de um complexo cultural genuinamente rondoniense. Esses costumes ancestrais podem ser o ponto de partida principal para estudos de um modelo capaz de promover um design sustentável baseado no convívio harmônico entre homem e natureza, que pode trazer inovação sem degradação. Desse modo, levantamos aqui a ideia de que é necessário correr contra o tempo e promover o fim de uma disputa cultural que se faz presente, a fim de subsidiar a sustentabilidade no desenvolvimento de projetos e da própria sociedade no geral.

Estruturada a análise do contexto histórico das ocupações e das relações de poder existentes na região, será feita a conexão com a área do design. Desta, será possível levantar reflexões sobre a cultura material e imaterial das comunidades tradicionais que carecem de atenção, pois são um meio de retratar a cultura amazonense local pela via da sustentabilidade, demonstrando como projetos de design pautados no restabelecimento das raízes apagadas pelas disputas culturais que ocorrem em Rondônia podem promover o fim da desigualdade social e uma convivência harmoniosa dos indivíduos e o meio ambiente.

2. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa tem natureza qualitativa e descritiva, quanto ao detalhamento da diversidade cultural e o desenvolvimento de design sustentável para a região. Como suporte bibliográfico, foi dada preferência para estudos feitos no âmbito da Universidade Federal de Rondônia, e em obras que se referem à região de alguma forma. Além de autores que, mesmo não sendo parte da universidade, escreveram sobre o tema da sustentabilidade e da cultura.

Tomando esses métodos como suporte para construção dessa investigação, prosseguiremos as análises do contexto local. Assim, será possível perceber que a hierarquia cultural

implantada propositalmente no inconsciente coletivo, é parte do problema que causa a falta de cuidado no desenvolvimento de políticas desenvolvimentistas implantadas na região. Isso faz com que os projetos que levem em consideração interesses de natureza geral, sejam desenvolvidos sem apagar todo um complexo cultural que foi construído de modo adaptado à realidade local.

3. Das migrações e a relação com o ambiente ocupado

Para entender o contexto que é dito que Rondônia carece da promoção de uma identidade cultural própria, e que a presença de artefatos que exibam uma extensão cultural e tradicional do povo rondoniense é ausente, faz-se necessário conhecer os processos de colonização que ocorreram no decorrer da história do Estado. Para isso, é importante frisar que Rondônia é uma região da amazônia brasileira ocupada no fim do século XIX, e que passou por ciclos econômicos que trouxeram migrantes com propósitos, condições e motivações diferentes. Tudo é muito recente, se for colocado em uma perspectiva histórica e comparativa com outros lugares que possuem uma identidade cultural mais consolidada.

Na figura 1, formulada por Souza (2011), é possível visualizar as informações sobre a ocupação do Estado de Rondônia, que serão apresentadas a seguir.

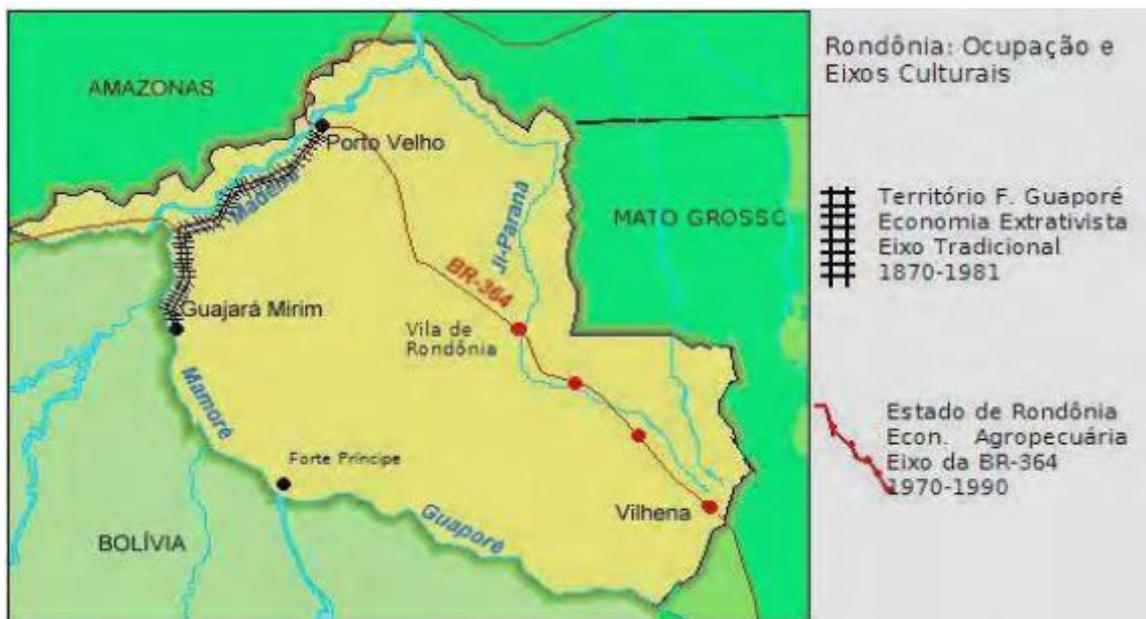


Figura 1: Rondônia: Ocupação e eixos culturais da ferrovia e da BR 364. Fonte: Souza, 2011

Como ponto de partida e observando o mapa presente na figura 1, é importante pontuar que a região onde se encontram os municípios de Porto Velho e Guajará Mirim foi a primeira a ser ocupada. Ambos têm suas histórias entrelaçadas com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré e os ciclos econômicos da borracha (FIORI et al, 2013).

Os migrantes nordestinos que buscavam trabalho nos seringais e na construção da ferrovia que se estabeleceram na região mesmo após a decadência do mercado da borracha e a paralisação das obras, formaram uma comunidade que vivia basicamente da extração da

borracha nos últimos barracões que ainda insistiam em fazer a extração do látex, da coleta de sementes castanha e de essências que abasteciam tanto o mercado brasileiro, como o mercado europeu. Tratava-se de trabalho basicamente extrativista sem a derrubada da floresta, pois dela dependiam para a sua subsistência. Benchimol (2009) acredita que todos os povos que adentraram à floresta com o intuito de retirar dela sua subsistência, também foram invadidos por ela de alguma forma, adaptando o vestuário, alimentação, hábitos, modos de fazer e existir ao novo local onde agora seria sua nova morada. Esses povos, como diz Colferai (2009) viviam em conformidade com o tempo das matas, construindo suas casas de modo que as enchentes sazonais não as atingisse; equilibrando a alimentação com peixes, carne da caça, mandioca e todas as variantes possíveis de preparo.

O segundo processo migratório que destacamos é a ocupação dos municípios que se estabeleceram em função da construção da BR 364 e da colonização agrícola, que foi composta basicamente por migrantes vindos do Sul do país, e contou com apoio governamental através do Plano de Integração Nacional - PIN, que previa dar suporte aos colonos; asfaltamento da rodovia pelo exército; incentivos fiscais e financiamento facilitado; além do projeto de expansão agrícola do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, informação essa retirada da pesquisa realizada por Castro (1999).

É nesse ponto que se percebe que houve um tratamento diferenciado no que se refere ao apoio dado aos indivíduos que tinham a intenção de conquistar essa parte da Amazônia. Cemin (1992) também diferencia as duas ocupações pela forma de exploração das riquezas locais, que passaram a ocorrer de modo mais predatório. Apesar da política desenvolvimentista levantar o lema de ocupação de espaços vazios, essas terras estavam ocupadas por indígenas, ribeirinhos e caboclos, que se tratavam de populações que viviam do extrativismo vegetal. Nesse sentido, percebe-se que todo um sistema cultural baseado em uso eficiente dos recursos naturais, utilizando da biodiversidade da região para sobreviver, não foi absorvido pelos novos indivíduos que chegavam à Rondônia. E que, pelo contrário, foi trocado por um novo modelo que além de não preservar esse modo de vida já adaptado, criou um outro que tinha na própria razão de existir a devastação da floresta para dar lugar a plantações e criação de gado.

4. Construção da historiografia e o discurso desenvolvimentista

Além dos processos de ocupação do território, outro ponto importante a ser ressaltado é a forma como foi construída a memória rondoniense. Segundo Souza (2012), há duas principais obras das narrativas literárias que descrevem a floresta e seus habitantes, e que fazem parte do imaginário coletivo até os dias atuais. Na obra, *Desbravadores* (HUGO, 1959), a localidade era retratada como terra perigosa e cheia de selvagens sem deus. O que corroborou, no futuro, para que as incursões colonizadoras dos imigrantes sulistas adentrassem à região com a nítida ideia de que o espaço não era habitado por civilizados. E as gentes que, porventura, pudessem ser encontradas, não fossem consideradas seres humanos imbuídos de dignidade, mas “andarilhos e indolentes por natureza, que trabalhavam apenas o bastante para viver, preferindo roubar tudo o que precisassem: verdadeiros ciganos aquáticos!” (HUGO, 1959, vol. I, p. 43). As mulheres indígenas eram apresentadas como “[...] mães desnaturadas que enterravam vivos seus filhos recém-nascidos” (HUGO, 1959, vol. I, p. 79). O autor também desqualifica e demoniza as práticas ancestrais indígenas, tratando-as como

más e impuras: “entregavam-se a danças tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, [...] prática criminosa de tantas abominações. [...] cegos e surdos, os Mura não queriam nem crer no mal que praticavam [...] enquanto mais quente fervia a orgia “ (HUGO, 1959 vol. I p. 125).

Já Ferreira (1960), em seu livro *Nas Selvas Amazônicas*, tratou de apagar por completo o modo de vida dos ribeirinhos, caboclos e indígenas que viviam na região. O autor invisibiliza, inclusive, as situações de semiescravidão a que os seringueiros eram submetidos nos barracões de seringalistas que ainda exploravam a extração do látex.

Ferreira (1960), imbuído de um conceito de civilização anexo ao desenvolvimento industrial e econômico, vertia a ideia de que deveria haver uma defesa do território brasileiro e de seus recursos naturais através de investimento de capital na região. Convencido de que as formas como os habitantes dos territórios viviam não era suficiente para trazer segurança e desenvolvimento econômico para o Brasil, já que seu texto estava alicerçado na ideia de um Brasil com capacidade de se tornar potência econômica continental. Vale ressaltar que o autor ficou na região, por apenas 40 dias, e que é impossível fazer uma descrição de qualidade de qualquer lugar em tão pouco tempo, de acordo com Souza, 2011.

O modo de vida da cultura amazonense que Thieblot (1977) apresenta, acabou sendo desqualificado diante da arrasadora imagem que foi feita dos povos que já habitavam a região. A cultura dos novos colonizadores vem sendo cada vez mais sobreposta e ovacionada como a verdadeira expressão cultural rondoniense. Colferai (2010), diz que no próprio Hino de Rondônia, os povos tradicionais não são mencionados, ao contrário do que ocorre com a empreitada colonizadora dos sulistas, que são chamados de “sentinelas avançadas”, numa tentativa de representar a colonização como legítima e natural, reconhecida por deus e pela pátria.

O antagonismo cultural também figura nas festas populares que ocorrem no Estado. Nelas acontecem o principal momento onde ocorrem as manifestações materiais e imateriais da cultura local. Fica nítido o papel que o poder econômico tem quando da execução desses eventos. Por exemplo, o Arraial Flor do Maracujá, que ocorre em Porto Velho, tem relação com as manifestações culturais da população de cultura amazonense. Enquanto as exposições agropecuárias, com shows de cantores sertanejos e leilões de bovinos, tem relação com a cultura do migrante do Sul. Ambos os eventos ocorrem desde a década de 80, e são tidos como as maiores manifestações culturais da região. Porém, em pesquisa realizada por Colferai (2010), notou-se que mesmo ambos sendo de grande importância para a expressão identitária local, os eventos ligados ao agronegócio têm mais investimento do Governo do Estado e mais espaço na mídia local. E, ao buscar os responsáveis pelos periódicos, a devolutiva dos editoriais foi o argumento de que a própria população buscava mais informações sobre os eventos agropecuários, e as publicações buscavam a audiência mais alta, mesmo os eventos ocorrendo no mesmo período.

Analisando esses fatores, é possível perceber a sobreposição de uma manifestação cultural sobre a outra. É nesse ponto que é perceptível a necessidade de valorização da manifestação material e imaterial da cultura amazônica, para que o povo não seja mero espectador do apagamento de suas raízes enquanto a história está sendo feita, mas parte do desenvolvimento de uma sociedade sustentável, que valoriza todas as manifestações culturais, como veremos a seguir.

5. Design para sustentabilidade e suas aplicações

Considerando o conceito de sustentabilidade em Nascimento (2012), que funciona como adjetivo de desenvolvimento e pressupõe um modelo de produção que leva em consideração não somente a preservação do meio ambiente, mas de consumo consciente, equilíbrio de poder, instituições sólidas, combate à desigualdade social e econômica. Também acarreta a diminuição de conflito de interesses políticos, necessários para garantir uma mudança de paradigmas. Desse modo, notando a dureza com que se consolida a sobreposição da cultura do agronegócio na região de Rondônia, fica claro que esse modelo de desenvolvimento voltado para o uso irrestrito dos bens materiais e imateriais locais, que fatalmente culmina na degradação ambiental, não faz parte das ações necessárias para garantir qualidade de vida para as próximas gerações. Mais do que nunca e, diante do avanço do agronegócio e da crescente ameaça de apagamento da cultura amazônica em Porto Velho, faz-se necessário que os projetos de desenvolvimento que pretendem ser instalados na região sigam essas premissas apresentadas pelo autor.

O design tem papel relevante na relação de pertencimento que pode ser criada através da materialidade, pois “é típico da psicologia humana esse recurso à memória, e ao familiar - ao passado reconfortante - como antídoto ao terror que o novo pode inspirar” (CARDOSO, 2012, pg. 651). E o profissional de design, munido de conhecimento e técnica pode incluir em seus processos o conhecimento dos povos ancestrais, que tem na natureza as inspirações para criação da materialidade. Afinal, como diz Cardoso (2012), design e materialidade criam pertencimento: “Atribuímos uma qualidade ao objeto que, no fundo, não deriva dele, mas de nosso repertório cultural e pressupostos”.

Deste modo, discursos que moldam os significados dos artefatos são o patamar de acesso necessário para o desenvolvimento de um design regional, que teria o condão de praticar a sustentabilidade. O que se pretende dizer com isso é que a partir da percepção de que a materialidade é algo como um conteúdo social que toma forma, que se manifesta em um corpo físico de acordo com o contexto vivido pelo indivíduo que a produz, nada melhor do que tomar como parte desse processo de desenvolvimento os saberes dos povos ancestrais que utilizavam o conhecimento adquirido no convívio com o ambiente em que vivem. A exemplo do ribeirinho que, percebendo o fluxo das águas, constrói sua palafita exatamente na altura em que estará protegido das cheias do rio onde vive e costuma chegar todos os anos. Evitando, assim, que perca o pouco que tem para a força das águas e mantendo o sossego, mesmo sabendo que o rio vai subir, quer queira ou não. Ou da produção de cerâmica, que utiliza do barro da beira do igarapé local e que não causará nenhum impacto ambiental caso seja descartado no mesmo lugar em que foi produzido.

Se os projetos de design forem balizados nesses processos regionais, e o discurso também seguir no mesmo sentido de valorização do produto local por via da percepção de sua sustentabilidade, a probabilidade de que essa verdade seja aceita, terá como resultado o melhor uso das potencialidades desses bens. Ora, quando se cria um artefato, na verdade, cria-se um conceito, e os conceitos são passíveis de expressão material, mas em graus variáveis. “Quanto mais simples e direto o conceito – ou seja, quanto mais enraizado estiver numa experiência emocional clara – maior será a facilidade de compreendê-lo” (CARDOSO, 2012, pg 184).

6. Análise dos resultados

Historicamente, os designers fazem pontes que ajustam conexões que por vezes parecem desconexas. Cabe a esses profissionais planejar interfaces capazes de promover inovações que mudam o mundo como um todo, como diz Cardoso (2012). Assim, é necessário buscar conhecimento dos discursos que cercam a historiografia do lugar que pretende representar em seus projetos de design.

A questão a ser discutida trata da possibilidade do design, em todo o seu processo, atuar como possível alternativa para a instalação de um sentimento de pertencimento e criação de uma identidade genuinamente rondoniense se instalado no seu desenvolver o estudo histórico, social e antropológico do lugar e do povo onde se deseja aplicar esses projetos. Essa é uma das características mais importantes dos povos tradicionais que deve ser tomada como inspiração na elaboração de projetos para desenvolvimento de produtos. Pois assim como esses povos faziam, é necessária essa atenção ao ambiente local para que o resultado do processo faça mais sentido dentro do contexto no qual será inserido.

Seguindo esse caminho no estudo para o desenvolvimento de projetos políticos, de objetos ou qualquer outra aplicação onde o design atue como meio de produzir resultados, o estímulo ao desenvolvimento das potencialidades dos povos tradicionais amazônicos de Rondônia, garantiriam uma produção e o consumo que repara o ecossistema. Essa ecossuficiência traria como consequência a erradicação da pobreza, ao passo que garantiria justiça social, já que da natureza, que é acessível a todos, se tira o essencial, assim como os povos tradicionais de Rondônia faziam.

1. Considerações finais

As considerações aqui apresentadas não devem ser tomadas como conclusões, mas como uma forma de instigar novos olhares. Resta saber, de fato, se ainda há tempo para modificar a lente com a qual os rondonienses olham para Rondônia e, assim, desenvolver um design original, capaz de promover um desenvolvimento sustentável e que agregar a novos projetos as habilidades que os povos tradicionais tinham de conviver harmoniosamente com a floresta amazônica.

O levantamento dessas questões, e a forma como elas estão apresentadas, demonstrando que existe de fato uma certa hierarquia no Estado, e diferenciação por parte das instituições, faz com que seja percebido que, de fato, é necessário observar essas variáveis quando se trata de desenvolver projetos em que as habilidades de design sejam necessárias. Deste modo, o designer que esteja engajado em um projeto que tenha intenção de traduzir as peculiaridades da região, de modo a resgatar a identidade local em sua comunicação, deve se atentar nessas particularidades.

Essa pesquisa é parte do desenvolvimento de dissertação de mestrado que caminha no sentido de guiar um olhar para as raízes caboclas existentes em Porto Velho, de modo a auxiliar os trabalhadores do design que desejam resgatar a identidade ribeirinha e enaltecer as raízes tradicionais locais em seus projetos de um modo geral.

Referências

- BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Formação Social e Cultural. 2 ed. Manaus: Valer, 2009.
- CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CASTRO, Bernardo C. Adensamentos urbanos no centro-sul de Rondônia. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.
- CEMIN, Arneide B. Colonização e Natureza: análise da relação social do homem com a natureza na colonização agrícola de Rondônia. Dissertação (Mestrado) - Sociologia. Porto Alegre: UFRGS, 1992. (mimeo.)
- COLFERAI, Sandro A. Jornalismo e identidade na Amazônia: as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como representações identitárias de Rondônia. 2009. 196f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- COLFERAI, Sandro A. Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferencial no interior de Rondônia. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. u, p. 1, 2010.
- FERREIRA, Manoel R. Nas Selvas Amazônicas. S. Paulo, Biblos, 1960.
- HUGO, Vitor. Desbravadores. Humaitá, Missão Salesiana, 1959. Vol. 1 e vol. 2.
- FIORI, Marcus F. et al. COLONIZAÇÃO AGRÍCOLA DE RONDÔNIA E (NÃO) OBRIGATORIEDADE DE DESMATAMENTO COMO GARANTIA DE POSSE SOBRE A PROPRIEDADE RURAL, ISSN: 15166481, 2013
- NASCIMENTO, Elimar P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. Estudos Avançados [on-line]. 2012, v. 26, n. 74 [acessado em 2 fevereiro 2022], pp. 51-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40122012000100005>. Epub 23 Abr 2012. ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000100005>.
- SOUZA, Valdir A. Rondônia, uma memória em disputa. 2011. 185 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103127>>.
- THIÉBLOT, Marcel J. Rondônia, um folclore de luta. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977.